

# MEDOR

## EM SALA DE AULA



Escolas públicas fazem campanha contra a violência, passeatas e os professores, muitas vezes, têm de deixar a escola com medo das agressões

Clarissa Lima  
Da equipe do Correio

Giz, ameaças de mortes, O quadro negro e até tiros. O thriller para contar a rotina dos professores da rede pública do DF tem mais elementos e ação que poder supor muitos pais de família. O cotidiano de preparar aula e prova, passar lição e explicar o conteúdo da matéria convive com alunos usando drogas na sala de aula; com ameaças de morte por bilhetes e telefonemas; com tapas e sopapos; e, algumas vezes, com tiros.

Em muitas escolas, principalmente nas comunidades carentes, a violência das redondezas chega ao pátio e, para sobreviver, é preciso ser "professor, educador, amigo, pai, carrasco e escudo". No dia-a-dia, a definição do professor G.F.S., 36 anos, ganha mais um adjetivo: vítima. Quem não é alvo das brigas do lado de fora sofre com assédio sexual ou vingança de alunos revoltados com punições.

O relato dos professores é de medo e pavor. Profissionais preparados para a vida acadêmica e que foram surpreendidos pela realidade. Nenhum dos cinco professores entrevistados pelo Correio aceitou ter nome ou a escola em que trabalhava divulgados. Muitos deixaram o colégio com medo de represálias.

### "VOU TE MATAR"

Naquele dia, a aula seria sobre a Ásia, em uma turma da 7ª série. A professora de Geografia M.O.P., 30 anos, nem conseguiu iniciar o conteúdo. O aluno L.C., 16 anos, perturbava sem parar. Não atendia aos apelos de silêncio e desafiou a professora a ir até a sua carteira, no final da sala. Ao chegar perto do rapaz, M. foi jogada sobre as cadeiras próximas.

Depois da queda, ele continuou agredindo-a, até ela ser socorrida pelos colegas. Na saída, L. deixou um aviso: "Se ficar por aqui, vou te matar, ainda tenho um ano e meio para aprontar", disse, referindo ao Estatuto da Criança e do Adolescente que estabelece a maioridade penal, a partir dos 18 anos.

M. teve o braço engessado e lesões no rosto. Abandonou o colégio e, desde outubro — mês do incidente —, não trabalha. Espera pela transferência para outra unidade de ensino. Tem medo. "Ando nas ruas olhando para os

lados, acho que ele (o aluno) pode descobrir onde moro, agredir a mim ou alguém da minha família. Ameaça é que o mais se houve por ali (na escola)."

A professora também teve que escutar palavrões e atitudes de desrespeito, antes da agressão.

Depois de ficar de castigo na sala, um aluno da 5ª série defecou na sua mesa, em represália; presenciou brigas entre alunos no meio da aula; e levou muito palavrão 'pra casa'.

O Batalhão Escolar — que atende a 46% das escolas da rede pública e privada em esquema de policiamento fixo ou rotativo — não tem estatísticas sobre agressões aos professores. Na Fundação Educacional, até novembro deste ano, quatro profissionais da rede pública foram transferidos por ameaças de morte de alunos.

### MEDO DISFARÇADO

Ameaças que aterrorizaram a vida da professora M.G.A.O., 46 anos. Em maio deste ano, a direção do colégio foi surpreendida, às 9h, com um telefone: "Era uma voz de homem, dizendo que iria me pegar", conta M., diretora da

escola. Naquela semana, a briga entre gangues de quadras vizinhas ao colégio tinha feito cinco vítimas fatais, do mesmo grupo.

Os rivais achavam que a diretora protegia os alunos que participam da gangue. Sobrou para M., que registrou queixa na delegacia e teve que encarar o autor da ameaça frente a frente no julgamento. "Medo? Tive muito medo, pavor", confessa ela. Na época, alunos e professores tentaram convencê-la a deixar o colégio.

Havia ameaça de represálias da gangue, que prometia invadir a escola para atacar os alunos do grupo rival. "Não podia demonstrar fraqueza", diz M. As aulas no turno noturno chegaram a ser interrompidas por uma semana e só recomeçou com a chegada do efetivo policial. No dia da ameaça, uma equipe da Polícia Militar ficou de plantão em frente ao colégio. "Alunos fumavam maconha na sala de aula e houve casos de garotos armados", lembra.

A saída para dar um basta no estado de terror foi a mobilização de alunos e professores. Fizeram passeatas pela paz nas ruas, distribuíram mil rosas na comuni-

dade, palestras e apresentação de grupos culturais nos intervalos de aula. Hoje, a realidade é bem diferente. Mas M. ainda olha para os lados quando chega em casa, sempre observa se está sendo seguida e usa 'truques' (que ela não quis revelar) ensinados pelos alunos e policiais para se proteger de possíveis atentados. "Aqui tem que ter muito jeito, senão você dança", diz ela.

### TIRO AO ALVO

O professor C.S.S., 37 anos, provou na pele a ira de um aluno, de apenas 13 anos. Depois de chamar a atenção pelo mau comportamento, de conversas com os pais e com o conselho escolar, a direção do colégio decidiu transferi-lo. Naquela tarde, em agosto de 1997, C. estava indo dar avisos em salas de aula. Parou na lanchonete para beber água.

Foi quando sentiu três tiros pelas costas. Uma bala atingiu a mão e as outras duas, o abdômen. C. ficou longe do colégio por seis meses, em tratamento médico. O atentado aconteceu quinze dias após o nascimento do seu primeiro filho. "Foi um

ato de covardia. Um crime premeditado".

Recuperado, C. voltou a trabalhar no colégio. "Não tenho por que ter medo. O bandido não era eu. Quem tem que se preocupar é ele", diz. Hoje, a escola desenvolve atividades e participa de programas de prevenção às drogas e violência. Periodicamente, são realizadas palestras e visitas de especialistas no tema. Também foi produzido um manual do aluno, especificando regras, direitos e deveres na convivência familiar.

A violência das ruas escolheu o professor G.F.S. como alvo. Em outubro deste ano, a escola amaneceu picada com ameaças e palavrões contra o professor. G. acredita que o aviso tenha sido enviado por traficantes que rodeiam a área, conhecida pelos altos índices de violência.

"Eles queriam vender drogas no colégio e a minha presença era um empecilho". A ameaça surtiu efeito. G. não quer mais trabalhar no colégio. Deixou pra trás um trabalho de dez anos em troca da tranquilidade. Na última semana, visitou o colégio. Foi recebido com palmas e abraços pe-

los alunos, que ajudou a criar e tem como filhos. "O professor não pode ser inimigo dos estudantes, tem que se integrar à comunidade", aconselha.

### ASSÉDIO SEXUAL

Era a primeira escola que P.S.L., 27 anos, ensinava. Um aluno da 5ª série, aparentemente calmo, passou a perturbá-la. Calado, o garoto não incomodava em sala de aula. Sentava-se no final da sala, junto com a turma 'dos olhos vermelhos', numa alusão aos usuários de maconha.

No meio do semestre, L.C., 19 anos, começou a lhe mandar bilhetes elogiosos e sem assinatura, para não configurar provas. "Dizia que era bonita ou que era o sol da vida dele", conta. Foi quando começou a pedir para que ele assassinasse. "Tinha que ter alguma comprovação do assédio dele", lembra. No dia da prova final do ano, L. pegou o exame e rasbico de ponta a ponta. Em seguida, saiu da sala. Nos corredores, os colegas perceberam que ele estava armado. "Ele disse que não tinha nada a perder, faria qualquer coisa para me ter. Se não fosse dele, não seria de ninguém", conta. Quando restavam apenas cinco alunos na sala, L. pediu para refazer o exame.

Um grupo de alunos começou a chamar a professora na porta. Queriam avisar que o garoto estava armado. Ele notou a tentativa. Por pouco, foi salva de um atentado. Quando foi até a porta, o garoto a seguiu apontando a arma. O crime foi evitado pela presença de um policial do Batalhão Escolar. O garoto fugiu pela janela e nunca mais foi visto.

"Passei semanas sem conseguir dormir nem comer. Tinha medo de tudo. Nem entregador de pizza subiu no meu apartamento. Troquei de casa com medo que descobrisse meu endereço; troquei o carro; andava de cabelo preso para disfarçar. Não quero passar por isso nunca mais. Até para ir ao shopping, tinha medo", desabafa. Depois do incidente, P. trocou de colégio. "Mas ainda fico apreensiva quando vejo alguém parecido com ele".

### LEIA MAIS

Sobre o assunto na página 2

#### M.O.P., 30 ANOS

Tempo de profissão: seis anos  
Habilidade: professora de geografia  
Fato: agressão de um aluno, dentro da sala-de-aula  
Como tratar o problema?: "Tentar conversar com o aluno e procurar acompanhamento externo"

#### G.F.S., 36 ANOS

Tempo de profissão: quinze anos  
Habilidade: professor de educação física e disciplina  
Fato: ameaças de mortes em pichações nas paredes da escola  
Como tratar o problema?: "O professor deve se integrar à comunidade e ser sincero com seus alunos"

#### M.G.A.O., 46 ANOS

Tempo de profissão: treze anos  
Habilidade: professora de geografia  
Fato: ameaça de morte, por telefone, de grupo de gangues rivais  
Como tratar o problema?: "Acima de tudo, não deve ter medo. Tem que chegar perto do aluno e não discriminá-lo"

#### C.S.S., 37 ANOS

Tempo de profissão: dez anos  
Habilidade: diretor de escola e professor de educação física  
Fato: levou três tiros de um aluno, no pátio da escola  
Como tratar o problema?: "Conversar com aluno e seus pais"

#### P.S.L., 27 ANOS

Tempo de profissão: dois anos  
Habilidade: professora de biologia  
Fato: assédio sexual de aluno, que tentou matá-la com um revólver  
Como tratar o problema?: "O professor deve participar da vida dos alunos, conversar muito".